



primeira vez tinha quantos anos?
Cecília - Tinha 13. Eu fumava, só que eles (policiais) não sabiam que eu tava fumando. Eu fumava dum pedaço que eles deixavam solto. Fumava era dez (vezes). Aí teve um dia que fumei tudinho. Aí eles botaram "eu" pra fora.

OP - Você morava nessa casa sozinha nesse tempo?
Cecília - Era sozinha. E eu tinha de tudo. Mas eu era mais bonita. Eu tinha celular pra me comunicar com eles quando acabasse. Lá tinha geladeira, fogão, tinha tudo. Tinha cama.

OP - As pessoas iam lá comprar ou você saía pra vender?
Cecília - Eles iam lá todo dia. De minuto em minuto chegava uma "ruma" de gente.

OP - Essa casa era alugada no nome de quem?
Cecília - No nome do inspetor (repete o nome do policial).

OP - Você sabe o nome da rua?
Cecília - Sei não. Sei que fica em frente pra praia da Leste-Oeste. É numas barraquinhas que tem por trás do 7º Distrito.

OP - Esses policiais iam sempre nessa casa? Freqüentavam?
Cecília - Freqüentavam. Conheci primeiro o inspetor (repete o nome), através de um programa. Aí ele pegou e disse bem assim: "vamo, eu tenho uma amiga pra te apresentar. Ela é delegada. Aí, o que a gente quer em troca de você ficar na casa é que você venda pra gente. Aí, qualquer coisa, se for outra polícia pegar, não dá rolo porque tem um delegado e uma delegada". Qualquer coisa não dava rolo pra mim, e também eu era de menor.

Não dava foguete (problema).

OP - Você já falou disso alguma vez pra alguém?
Cecília - Não. Pra ninguém.

OP - Por que está falando agora?
Cecília - "Por causa que" fiquei com raiva dele. Porque se não fosse ele eu ainda era bonita.

OP - Você ficou feia por causa do crack?
Cecília - Do crack. Eu era bem gordona. Eu dava duas dessa que eu tô agora.

OP - E qual foi a última vez que você viu esses policiais?
Cecília - Já faz um bocadão de tempo. Faz quase um ano, mas às vezes vejo eles (repete o nome do inspetor e acrescenta mais dois nomes, também de policiais, segundo ela).

OP - Eles te vêem também?
Cecília - "Me vê" e dizem "vixe maria, como tu tá feia".

OP - Já te ameaçaram alguma vez por causa dessa história?
Cecília - O inspetor (repete o nome) já. Ele disse que se algum dia ao menos sonhasse que eu abrisse a boca, eu ia amanhecer com a boca cheia de formiga e não iam nem saber quem foi.

OP - Você já teve medo que isso acontecesse de verdade?
Cecília - Já, "por causa que" uma vez fui sair com um homem, só era um homem, quando cheguei lá tinha dois no porta-malas.

OP - O que você falava com cada um desses policiais?
Cecília - Era só nós três. Esses outros dois policiais eram amigos dele (inspetor), mas não sabiam.



BR116

Num posto em Chorozinho, à beira da BR-116, a noite é dos rapazes. Entre as mulheres, eles se travestem, são maioria e também procuram a clientela. Circulam na escuridão, entre os caminhões. Batem na porta das boléias ou se aproximam das redes de dormir armadas na carrocerias.

BR116

Eles aproveitam o descanso dos camionheiros e fazem a sugestão. Sabem que a carne é fraca e o jogo é rápido e discreto. Depois de pedir um cigarro, uma das garotas afirmou ao O POVO que já houve adolescentes entre os travestis dali.

depois pegavam a outra parte. Aí eles algemaram o policial e eu, botaram dentro da viatura atrás. O policial, também. Só que o policial tava algemado.

OP - Só foram duas vezes, isso?
Cecília - Foi. Porque depois eu me sai, fiquei com medo.

OP - Mas você disse que não queria mais ou eles disseram que não precisava mais que você fosse?
Cecília - Não, eu que disse que não ia mais. Porque eu estava arriscando minha vida e só ganhava cinquenta "real".

OP - Você sabe se eles faziam isso com outras meninas?
Cecília - "Fazia". Disseram que as outras meninas da BR sabiam fazer mais do que eu.

OP - Tanto a história do crack como a do motel?
Cecília - Não.

OP - A do crack só era você?
Cecília - Só eu.

OP - Nunca mais você viu esses policiais pessoalmente?
Cecília - Não. Faz tempo.

OP - Você mora com quem aqui em Fortaleza?
Cecília - Eu morava com uma mulher (diz o nome). Morreu do coração. Aí "ficou" só os filhos dela. Eles faziam raiva a ela e ela morreu. Mas eu gostava dela como se fosse minha mãe. Gostava mais dela do que da minha mãe. E ela gostava de mim mais do que dos "fi" dela.

OP - Você faz programa toda noite?
Cecília - Não. Só às vezes que eu venho.

OP - Você cobra quanto?
Cecília - Dez reais.

OP - Nunca mais você viu sua mãe nem seu pai?
Cecília - O homem que "veve" com minha mãe mandou matar meu pai. Eu conheço ele, eu tinha oito anos. E também minha mãe quando dava em mim, eu me trancava no quarto e esculhambava ela, dizendo que qualquer dia ela ia presa. "Por causa que" quando eu tinha oito anos, meu pai foi pra feira comigo, minha mãe queria ir. Ela bebia e meu pai não levou. A gente ia num caminhão. Aí quando a gente vinha de volta não era mais o mesmo motorista, já era outro. E um é esse que matou meu pai, é o que "veve" com minha mãe.

OP - Ele tentou abusar de você?
Cecília - Foi. Ele disse que não deu certo me "estrupear", mas ele ia me "estrupear", me matar e minha mãe nem ia acreditar que foi ele. Aí eu fugi com medo e não volto mais nunca. Só quando eu morrer.

OP - Você estudou?
Cecília - Estudei até a sétima. Estudava duas vezes, de manhã e de tarde. Parei por causa do meu "pradasto", que me tirou do colégio, ele tinha ciúme de mim.

OP - Não estuda desde a Bahia?
Cecília - Não. Eu parei tinha 11 anos. Sei ler, escrever. Também tô aqui mas não tenho nenhum documento. Nada, nada. Quando fugi de casa, foi só com a roupa do corpo.

OP - Você queria sair dessa vida, mudar completamente?
Cecília - Eu queria mudar de vida de pedra (de crack).
OP - Você compra pedra de crack com o dinheiro dos programas?

Cecília - Às vezes eu compro, mas às vezes me dão.

OP - Quem te dá?
Cecília - Os caras que saio com eles. Eles têm. E têm pó também. Eu já fiquei no hotel (diz o nome) na Beira Mar com um gringo. E ele tinha um bocadão de crack dentro da gaveta. Bem cheinha.

OP - Você emagreceu muito depois do crack?
Cecília - Aos 15 anos eu ainda era gorda. Era bonita. Todo mundo disse que eu não queria, agora são eles que não "quer". Fiquei com raiva e revoltada da vida. Se não "fosse" eles (os três policiais) eu não taria usando. Eu nem conhecia.

OP - Quando você começou a fazer programas?
Cecília - Depois disso, que eu me "avicieei" no crack.

OP - Você já morou onde mais em Fortaleza?
Cecília - Na praia da Leste-Oeste. Tem outra praia pracolá... Barra do Ceará. Lá foi onde eles me botaram pra entregar aos traficantes (a droga), e os traficantes queriam me matar. Aí eles me trouxeram de volta (repete o nome dos policiais). Disseram "ei, tu tem que sair fora que esses caras vão te matar". E eu disse "mas é vocês que foram comigo, eu tô com medo". Comecei a chorar, aí o inspetor (repete o nome do policial) botou "eu" dentro do carro e foi me deixar no terminal, mas os traficantes ainda me pegaram e ainda me bateram. Enquanto o outro foi buscar a arma, o inspetor (repete o nome) chegou.

OP - Você sabe dizer se os policiais continuaram a venda de drogas?
Cecília - Não, pararam. "Por causa que" eles ficaram com medo de eu abrir a boca.

OP - Eles já haviam feito isso com outra menina antes?
Cecília - Eles disseram que não. Mas não tenho certeza. Acho que essa casa que eu tava já vendia. Já tinha gente vendendo e eles tiraram. Lá tinha tudo, balança, tudo. Era atrás da delegacia, a terceira rua.

OP - Como são os programas que você faz na BR?
Cecília - Eles param, perguntam quanto é, digo "é 10". Aí eles dizem "onde", eu digo "no carro ou no motel". Aí nós vamos.

OP - Você transa com camisinha?
Cecília - Com camisinha. Mas teve um bocadão "de vez" que fiz sem camisinha. Eu drogada, um bocadão de vez.

OP - Você sabe se tem alguma doença?
Cecília - Acho que tenho.

OP - Mas você não tem medo de estar espalhando alguma doença?
Cecília - Não. Quem manda eles "querer" sem camisinha? Fui prum hospital fazer exame, o médico disse que não ia fazer, que não tenho documento. Por isso não sei se tenho. Tá nascendo um bocadão de feridinha em mim. Por isso acho que tenho doença. E já tá bom!

OP - Com seu dinheiro, você sempre compra droga ou comida?
Cecília - É. Não tenho medo de morrer. Acho que já vivi muito.

OP - Já viveu muito?
Cecília - Já, e não aproveitei nada que preste. Só acontece coisa ruim, ruim, ruim. Cada vez mais ruim, ruim, ruim.



BR116

Cecília diz que se deixar de fazer programas na BR, não tem como se sustentar. Já teriam tentado lhe dar emprego, mas quem oferece sempre pergunta por documentos e ela admite não ter. Faz "dois ou três" programas por noite, mas garante que nunca soube quanto ganha num mês, porque nunca junta.

BR116

Já tentou deixar o crack? "Eu não consigo. Eu tenho que trabalhar, ou estudar ou qualquer coisa. E não consigo. Ficar parada dá vontade. Já tentei sair, mas não consegui. Se eu estiver trabalhando, consigo". Cecília conta que já trabalhou uma vez, num salão de cabeleireiro. Cuidava das unhas das clientes.

BR176

Casar, ter filhos? "Se já nem tenho onde morar, imagine com 'fi'. Eu 'num pego fi'. Porque sou 'estérica', 'estéria', sei lá que é. Quem disse foi o médico". Recentemente, Cecília lembra de ter sido atropelada na BR. "Eu tava em cima do meio-fio e o carro passou por cima". Foi levada para a emergência, passou vários dias internada, recebeu alta e voltou para a BR.



A BR-020 é trilha de romeiros. Na estrada, no trecho próximo a Campos Belos, em Maranguape, O POVO encontrou Francisco das Chagas do Nascimento Filho, aposentado, 56 anos. É o nono ano que segue a pé para Canindé. É o último ano da promessa. No parto, a esposa quase morreu, mas os

filhos gêmeos não resistiram. Desde então, fez o pacto com São Francisco. A barba e os cabelos ficam longos por um ano, traja-se de franciscano e vai. Aos pés do santo, corta rente a cabeleira, barbeia-se e faz a oferenda. Ora por saúde e por um mundo melhor. Segue com uma caravana do bairro Planalto

Pici. Este ano, além das filhas, os netos também o acompanharam. Um deles, Israel, 10, seguiu descalço. Quando tinha três anos, o menino escapou de um atropelamento. Já próximo ao final da caminhada, no quarto dia do trajeto, Israel aproveitou para pegar corona no lombo de um jumento. (CR)